

pintura

VI salão paulista de arte moderna

aracy amaral de toral

Está em nível razoável a pintura no VI Salão Paulista de Arte Moderna. Mas um pouco melancólico, também. Parece um salão quieto. Sem grandes arroubos e vibrações. Num nível bom dentro de sua quietude. Nota-se a ausência de muitos pintores de São Paulo que costumam participar desta mostra anual, provavelmente devido à realização da Bienal, para a qual destinaram seus melhores trabalhos. Pode-se mesmo afirmar que 40 por cento dos artistas de todas as técnicas de São Paulo não apresentam trabalhos este ano no salão (como Volpi, Milton Dacosta, Bonadei, Flexor e seu corpo, vários concretistas como Cordeiro; Aldemir, Fernando Lemos, e tantos outros da "velha guarda"; Di Cavalcanti, Flavio de Carvalho, Anita Malfatti).

Dir-se-ia que decresce o interesse pelas exposições, ou que os artistas hoje estão lançados na arena da competição pela vida e têm menos tempo para preparar seus trabalhos, ou que simplesmente não lhes interessa concorrer a prêmios e já descrem um pouco da organização de salões. No que, em parte, eles têm razão.

Os pintores presentes acusam, em geral, a tendência da época: o painel, suas cores, composição, enfim, a adaptação de suas obras a um ambiente, sem grandes preocupações de pesquisa mas com uma função. É uma tendência sadia, atual. Há alguns anos a maioria dos pintores trabalhava para si, exclusivamente, sem pensar em sua obra em função de uma sociedade. Hoje já se imagina diretamente a escultura no parque da fábrica, no atrio do prédio, o esboço do painel em tamanho gigantesco na entrada do ministério. É o caso por exemplo de Walter Levy, Norberto Nicola, Guersoni. Mauro Francisni apresenta nas telas de rica e substancial matéria, trabalhadas em formas amplas e grandes.

O primitivo José Antonio da Silva num pontilhismo um tanto duvidoso mostra-nos o género de trabalhos que pretendia apresentar na Bienal, caso fosse aceito.

Fraz Krajeberg parece dominado de maior força expressiva do que nos trabalhos de há dois anos, quando se esboçava uma contenção em suas formas. Hoje, elas se romperam. Depois de sua já há muito ultrassada abstinência de cores (com exce-

ção de negro e cinza) Franz utiliza-se delas com um respeito e cuidado quase religiosos.

Ganham assim em vibração e força, quase surpreendentes, como é o caso do preto, vermelho, azul e branco intensos utilizados nas telas do Salão.

Maria Leontina prossegue em sua marcha segura e tranquila, com as telas da série "Os jogos e os enigmas". Consegue uma notável criação de atmosfera nas suas pequenas telas de meios-tons, o que possibilita ao espectador sentir um mundo à parte, e deter-se ao contemplá-las, mesmo com as tendências mais variadas nas telas à sua volta.

Os concretistas acham-se representados por Brasil de Paiva e Lothar Charoux, além de Willys de Castro, que nos apresenta as telas talvez mais interessantes da exposição. Uma, em branco, e vermelho e preto, nos mostra o desenvolvimento de grupos de formas, numa progressão, às vezes desconexa, renascendo de novo, no grupo seguinte. A outra tela, em vermelho e branco, é mais ótica, círculos vermelhos, incompletos, sobre fundo branco. A vista completa-os, mas os espaços já não são forçosamente geométricos e sensíveis, e sim decorativos.

A gravura neste salão, embora pouco representada, apresenta o elevado nível técnico dos artistas Dorothy Bastos, Henrique Cruz, e, de maneira muito especial, destacam-se os trabalhos de Marcelo Grasmán. Este, agora, trabalha em formas mais amplas, sem preocupação pelo assunto e com muito cuidado com a composição, consegue esplêndida valorização dos espaços e máximo proveito da madeira, com toda sua força expressiva.

Arnaldo Pedroso d'Horta continua com seus trabalhos de cartão talhado, sobrepostos: dos dois apresentados apenas um oferece maior interesse, o azul e preto, com ritmo mais dinâmico e profundidade. De efeito agradável é também o desenho de formas inventivas.

Um grande progresso apresenta Italo Cencini em seus tres trabalhos. Renina Katz (hors-concours) também nos surpreende com sua evolução. Um jovem desenhista de imaginação que se apresenta pela primeira vez: Antonio Henrique Amaral.

Na parte de escultura do Salão está Moussia

Pinto Alves. Não fôra Moussia, não haveria escultura no VI Salão Paulista de Arte Moderna (de que antes já participaram Bruno Giorgi, Pola, Mario Cravo e outros artistas). Só à inexpressividade do júri de seleção de escultura é que se pode atribuir a aceitação de trabalhos de tão baixo nível, capazes até de desprestigiar o Salão. Cremos que quando não há suficiente nível artístico nas obras apresentadas é preferível recusá-las, e expôr as obras possíveis mesmo em menor quantidade. Isso poderá provar a pobreza de nossa escultura mas pelo menos não a exporá a ridículo.

Moussia salva a escultura do Salão com seus trabalhos de nível desproporcionalmente mais elevado que os demais: "Anunciação", "Forma Marinha" e "Arcanjo". Especialmente com a primeira. Apesar da rudeza que imprimiu ao material, conseguiu Moussia uma sensível atmosfera, envolvendo as duas figuras, de maneira quase etérea. Ao mesmo tempo obtém uma sugestiva valorização dos vazios.

Do mesmo modo que na secção de escultura, e diferentemente do resultado obtido na parte de pintura, a pequena secção de Artes Decorativas é realmente de mau gosto. Estão ausentes artistas significantes de São Paulo nesse ramo como Helou Motta, Katarina Marky Poll, o casal Sasson, o casal Montagne da ex-Sumaré House, André Osse, e tantos outros ceramistas de classe. No desinteresse pelo Salão a culpa cabe exclusivamente a seus organizadores.

Mais uma vez, uma figura expressiva do meio artístico salva essa secção, com Moussia, Danilo Di Prete, que apresenta ao público suas primeiras realizações em recentes trabalhos com mármore. Composições, em painéis — mesas (como é o exemplar apresentado no Salão) com mármore de cores diversas, procedentes da Itália, Grécia, e principalmente do Brasil (Ceará). Di Prete mostra como o mármore, há muito afastado da decoração de interiores, pôde ser reintegrado nela, dentro da arquitetura moderna. Retira-lhe a "frieza" com tons que "enganam" o visitante, dando-lhe por vezes a sugestão da madeira, com um material, contudo, de indubitável superioridade. A técnica surge perfeita, a composição cuidada, nos estudos das formas.



maria nunez del prado

Temos este mês, no Museu de Arte Moderna, a exposição de trabalhos da escultora boliviana Maria Nuñez del Prado que assim volta a expôr em São Paulo, onde havia comparecido à Iª Bienal.

Em 1952, na Bienal de Veneza, suas obras constituíram o pavilhão boliviano. Mais recentemente suas esculturas estiveram no "Petit Palais" de Paris e tem no Museu de Arte Moderna uma de suas esculturas, a "Madona Índia".

As obras que Maria Nuñez del Prado nos traz agora, em número de quarenta e cinco, têm aquela característica tão peculiar às suas concepções esculturais, qual seja o ritmo ondulante com que pretende fixar os tipos nativos e as montanhas de sua terra.